

# O GOVERNO CONTRA O GOVERNO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

O Bem Comum, polo de toda a ação política retamente ordenada, compõe-se de muitas notas essenciais, de partes, de órgãos, tais como estabilidade da moeda, integração econômica e cultural, liberdades cívicas, facilidades e oportunidades de educação para todos, etc., etc., mas uma coisa há que poderíamos chamar de alma do bem comum, sem a qual todas aquelas notas entrariam em rigidez cadavérica e em ulterior decomposição. Essa coisa é o que os antigos chamavam "amizade cívica", que é a atmosfera da justiça, da boa vontade, do espírito de cooperação e de tudo o mais que torna a vida mais digna e mais decente.

A partir da orientação do mundo moderno pelos eixos de uma civilização individualista e burguesa, o Bem Comum deixou de ser o objeto da sua política ou, onde conservou a denominação, deixou de ser o que era. Começa para o mundo uma era em que se apregoa a virtude do egoísmo como fórmula suprema para o bem da vida individual e para o equilíbrio da sociedade e para a riqueza das nações. Na esfera política surge o nacionalismo, que é o egoísmo dos grupos, e triunfa a política da conquista e manutenção do poder,

ou o chamado maquiavelismo, em triste homenagem ao "piètre penseur" que teve o cinismo de dar forma de livro a estas idéias insensatas. Durante quatro séculos, na economia da livre concorrência baseada nas famosas "leis naturais" que não são leis nem são naturais, na política da procura do poder, no nacionalismo, no culto do egoísmo, o mundo ocidental fez exercícios de inimizade, isto é, fez exercícios de homicídio disfarçados. E depois, os mesmos pensadores que elogiaram as formas seminais da inimizade, que escaracteraram os apêlos à boa vontade dos homens feitos pelos anjos de Natal e pelos homens já contagiados pelo amor de Deus, consciente ou inconsequentemente, os mesmos fatores de discórdias pequenas, discórdias familiares, discórdias municipais, etc., soltam grandes gritos escandalizados diante dos horrores da guerra. Ora, para nós, a guerra não é o pior mal do mundo; é apenas a consequência de todas essas filosofias de inimizade e de injustiça, e aí é que está o mal.

Dentro desse quadro cultural, tal é a força das essências, os homens e os grupos reagem, e muitas vezes conseguem bons governos e grandes feitos. Outras vezes, en-

tretanto onde faltar um vestígio de grandeza, funciona com toda a intensidade a dinâmica do erro. E vê-se então o ódio, a inimizade, a intriga na própria substância do governo, tomar o lugar da boa vontade, do espírito de concórdia, e da amizade cívica, alma do Bem Comum.

E' o que está acontecendo neste Governo que temos a infelicidade de ter, mas que desejamos que chegue normalmente até o dia de sua terminação regular. Vejam por exemplo, o recente episódio, o discurso na Escola Superior de Guerra, onde o Presidente deita a culpa da inflação sobre o Congresso e sobre a feitura do Orçamento. Como disse muito bem o professor Gudin numa de suas crônicas vespertinas, o sr Juscelino está queuendo nos fazer de beócios. Mas o que me choça, antes de entrar no problema da distribuição de responsabilidades, é o tom — digamos assim — oposicionista, o tom de reclamação e de mágoa com que o Governo se queixa do Governo. Esta, aliás, é uma das características principais do atual governo. A divisão entre ele e si mesmo, a dialética interna, a tensão entre as partes tornadas antagônicas. Começando pela composição partidária que só pode dar um híbrido estéril entre o PSD e o PTB, e acabando nas dissensões miúdas, no divisionismo molecular, na intriga que o Governo vive fazendo, e até tem órgãos especiais para fazer, entre o açougueiro e o povo que come carne, entre os diretores de colégio e os pais dos alunos, entre todos e todos, o atual governo tem produzido indubitavelmente o maior teor de inimizade cívica até hoje conseguido neste país, incluindo os tempos de diladura. A' luz da filosofia que polariza a política no bem comum e na amizade cívica, este governo é indubitavelmente o pior que já tivemos. O pior, o mais humilhante, o mais vergonhoso para nós.

Lembro aqui a alguns colegas de jornais governistas que ultimamente me têm honrado com suas ironias sobre o lago de Brasília (que eu nunca reputei impossível, mas apenas profundamente estúpido), lembro que eu não tenho interesse algum, nenhum, absolutamente nenhum de natureza estritamente pessoal em discordar do governo. Não ganho dinheiro para discordar do dr. Juscelino Kubitschek nem me vinculo à oposição com nenhuma idéia de cargo público. Com o que aprendi a escrever creio que escreveria em qualquer jornal; e se não escrevesse, viveria de outros ofícios, como vivi até a idade de cinquenta anos. Grave bem o cronista deste ou daquele jornal esta declaração de independência, e apalpe-se com sinceridade para ver se pode dizer o mesmo. E se não pode, aprenda então a respeitar os que ainda não venderam, nem alugaram as suas convicções.

Torno a dizer que a principal característica do atual governo é a inquietante divisão interna. Por curioso paradoxo, próprio de tais situações, em vez de procurar curá-la ou reduzi-la, o atual governo a utiliza como método de governar. E até parece que se gaba disto. Os frutos sinistros aí estão. Grupos de brasileiros contra grupos de brasileiros, acrimônia, inimizade, rancores, greves, disputas, tudo produzido, ventilado, encorajado pelo próprio governo. Nunca se viu e contra senso, a antítese criada pelo maquiavelismo chegar ao ponto em que estamos chegando. O Governo é quem conspira. O Governo é quem faz desordens (como por exemplo aquela do V Distrito Policial que parece estar esquecida). Do Governo é que não da oposição receamos subversões e revoltas. O Governo é em suma quem desobedece ao Governo, quem se queixa do Governo, quem põe a culpa do que acontece no Governo, quem desmoraliza o Governo.